CASA DE CAMILO

Noites de Insónia

14 julho 2021

Formador: João Paulo Braga

Disce, puer.
Stacio *(Silv.)*

I

Em um daqueles seus dias de muita desconsolação, Guilherme do Amaral levantou o rosto de sobre as palmas das mãos, que assentavam no mármore de uma jardineira, contemplou as estantes dos seus livros, e disse mentalmente:

— De que serve aquilo?!

Ergueu-se depois, foi distraìdamente à livraria, apoiou o cotovelo no friso de um lote, e tirou, como ao acaso, dois livros iguais no formato e na encadernação. Era um o *Stello,* de Alfredo de Vigny; o outro — *O Livro das Comunas,* de Roselly de Lorgues.

Porque estariam assim unidos e parelhos dois livros tão dissemelhantes? Um é o romance sem flores de imaginação; o homem-máquina; a face negra da vida, chamada *certeza;* a vilania e miséria do ser humano demonstrada matemàticamente; a legenda de mais um descrido; os queixumes de mais uma alma que o vendaval da irreligião devastou; em suma, é aquele livro o

belo ataúde das crenças no homem e das esperanças em Deus.

É o outro um livro de teólogo, de moralização, de piedade; celeiro em que o varão justo enceleirou as messes ceifadas por entre as escarpas e agruras do seu calvário; património do céu, que nos legou o homem da paixão; herdade comum de que desistem de boamente os nossos irmãos felizes, para no-la deixarem sem debate por desprezo dela e de nós.

Leu Amaral algumas páginas do *Stello* com a ligeireza de quem dispensa entender o que lê; e folheou os primeiros capítulos do outro livro, com a displicência de quem se enfastia.

Nesta conjuntura, entrou o amigo único de Guilherme, e disse-lhe:

— Estás hoje macilento extraordinàriamente!

— Estou doentíssimo — respondeu o fidalgo da Beira, bocejando, e distendendo os braços nas variadas atitudes de uma voluptuosa preguiça. — Resolvi hoje fazer junta de médicos, e já aqui tenho dois.

— Onde estão os dois?! — disse o escritor, que não percebera a alusão dos livros.

— Aqui: são o doutor negro, do conde Alfredo de Vigny, e o franciscano Gerard, de Roselly de Lorgues.

— Não conheço o segundo — redarguiu o poeta — do primeiro apenas me entrelembro que é um romance, cujo herói é uma das mil criaturas «não compreendidas» da novela francesa, escola que, há vinte anos, gira em redor do Fausto, espiritualizando tanto o homem, que, afinal, o subtiliza até à sombra de um sonho, no dizer de Píndaro; e, por outro lado, o envilece até à bruteza da sensação, encarecendo as inauferíveis legitimidades do sangue, dos nervos, dos músculos, e...

— Parece-me que estás aí dizendo absurdidades! — atalhou Guilherme — ou eu não entendo os Faustos da crítica, que são os mais imperceptíveis de quantos há!... Se te não recordas do *Stello,* eu te digo sumàriamente o que é, e o para que serve este sublime livro de filosofia, que tu chamas romance. Stello é um homem, que tem na cabeça uma legião de demónios azuis, os quais poderiam ser amarelos ou verdes, se a moléstia, na patologia inglesa, não tivesse assinado nome de *Blue-devils* — diabos azuis. Esta legião, de tal modo estragou o cérebro de Stello, que o infeliz amanheceu, um dia, atormentado pelo pensamento de dar à luz um volume de ideias políticas, com o modesto intento de concertar o raquitismo da humanidade. Revelou o possesso a sua enfermidade ao doutor negro, sincero amigo dele, e o homem misterioso levantou-se de golpe, exclamando: «Deus do céu e da terra! vede vós a que degrau da escala da extravagância os demónios azuis e a desesperação podem levar um poeta!» E, depois, o médico das almas, o arcanjo invencível dos demónios azuis acrescentou: «Vou contar-lhe três anedotas que hão-de

ser-lhe excelentes remédios para a desvairada tentação de atirar com os seus escritos às fantasias de um partido.» E contou as histórias de Gilbert, de Chatterton e André Chénier, na linguagem tétrica em que os três ilustres mártires a contariam, de pé, sobre os cômoros da sua vala, com as dobras da mortalha onduladas ao capricho da viração.

De sobra sabes tu — prosseguiu Guilherme do Amaral, feita uma curta pausa — a história de Gilbert. A ti, poeta, mais do que a mim, pensador obscuro e vadio de profissão, cumpre sabê-la, e não esquecê-la nunca. São estes exemplos proveitosos aos vassalos de Apolo, ou deviam sê-lo, como os avisos de José, intérprete do sonho das vacas magras, o foram ao monarca do Egipto. Contou o doutor a triste vida e morte de Gilbert, em prova do escárnio com que a sociedade laureia os Messias que a incomodam com a ideia nova, se essa ideia não produz a vantagem de substituir o gás hidrogénio ao azeite de purgueira, ou supre o uso dos braços pela expansão do vapor. Não te esqueçam estas palavras do sábio, que vira, na garganta do poeta, entalada a chave suicida: «É três vezes desgraçado o insensato, que diz o que pensa, antes de ter segurado o pão de toda a vida! Hipocrisia! tu é que és pròpriamente a razão! és o escudo protector de toda a gente; e o pobre precisa de todo o mundo.»

Atalhou o poeta:

— Eu preciso apenas da minha consciência para amparo do espírito, e do caldo negro da independência para sustentar este ignóbil arcaboiço, onde minha alma se estorce de nojo, quando se recobra das infames humilhações a que a matéria a submete.

Guilherme sorriu à resposta enfática do jornalista, e continuou:

— Quanto darias tu pela folgada estupidez do merceeiro, que ali está defronte, bamboando os pés nus aos regalos das brisas, que parece terem sido criados por um sopro do céu para refrigerarem especialmente os pés daquele especieiro?

— Quanto dava eu?! — respondeu o poeta. — Eu daria já a minha vida, com quantos bens Deus me reserva, em troca da certeza de que algum de meus filhos não resvalará pelo despenhadeiro de seiscentos contos à miserável condição do teu especieiro. Eu peço à divina Providência que me deixe este raio de luz intelectual, estas flores imorredouras da minha imaginação, embora o caminho real da vida me seja tapetado de espinhos e cortado de precipícios. Sei de cor alguns versos de Gilbert, e sinto que sejam eles o indelével estigma da vida do poeta:

Malheur à ceux dont je suis né...
Père aveugle et barbare! impitoyable mère!
Pauvres, vous fallait-il mettre au jour un enfant,
Qui n'heritât de vous qu'une affreuse indigence!
Encor si vous m'eussiez laissé votre ignorance
J'aurais vécu paisible en cultivant mon champ;
Mais vous avez nourri les feux de mon génie.

O que há aqui? — prosseguiu o escritor. — Nem ao menos a sublimidade da desesperação! Até para os raptos da raiva se faz mister o ânimo frio de Byron ou Lamartine. O poeta imerge, e some-se no pântano onde desceu a esfriar os fogos da sua veia. Não há poesia no espírito plebeu que maldiz a luz, a providência do génio que o estremara do comum dos homens. Como seria Deus equitativo, se aventurasse e opulentasse os suores dos obreiros do pensamento, esses tão grandemente estipendiados por prazeres do espírito, por fagueiras imaginações, que lhes dançam em festivas coreias, ainda na pobreza e na soledade? Se me bem recordo, o doutor negro de Vigny dá os poetas como raça sempre maldita pelas potências da terra. Eu não tenho a honra de ser potência da terra, nem mesmo potência da minha freguesia, e assim mesmo maldigo os maus poetas, que se impõem a expensas da cidade, como os meninos de Lacedemónia, e tentam justificar a sua soberba inutilidade com algumas grosas de libelos rimados contra a gente que não dá por eles. Eu também sei de cor a ladainha dos grandes e verdadeiros poetas. Vejo-os, todos os dias, avocados por alguns literatos coxos, que, no auge de sua modéstia, se equiparam com eles no génio e na desgraça. Não pude ainda convencer-me do infortúnio de Milton, de Camões, de Shakespeare, de Musset e de Byron. Um viveu capitão e árbitro das pelejas, que travaram os anjos de Deus com as legiões infernais; outro, escreveu em bronze o hino da pátria, e morreu profeta dos destinos dela; o terceiro abraçou a glória, doida de amores por ele, e embriagou-se de júbilos tantas vezes quantos foram os padrões, que levantou na base eterna dos séculos; o heróico inglês de Missolonghi viveu livre, espirou à larga o fogo dos pulmões, deliciou-se no desafogo dos ódios que o descentralizavam do mundo, e mostrou de sobra, e mais que o necessário, que era humaníssimo com as italianas de Veneza, que se matavam por ele. Em quanto a Musset...

Guilherme, cansada a paciência, abriu o *Stello,* fingiu que lia, e disse, decorridos alguns segundos:

— Creio que tens razão. Nenhum dos poetas, que citaste, foi desgraçado, porque me não consta que algum deles conhecesse falador com veia mais túrgida que a tua!... Trazes sempre um discurso pronto para cada coisa, e, onde quer que chegas, instauras uma academia. O folhetim do jornal tem o consolador *continuar-se-á;* mas tu, verbo infinito, és o folhetim sem paragem, és a goma elástica da eloquência farfalhuda. O teu aranzel onde tem posta a mira? Conclui depressa, que eu já de antemão concordo mesmo com o absurdo.

E o escritor replicou:

— Pondo de parte as primícias da tua incivilidade montesinha, das quais nada concluo por hoje, o meu discurso estava a fechar, ingrato! Queria dizer eu que poetas infelizes são os que

não têm o senso comum do teu vizinho especieiro. Se me permites outro discurso, alinharei, diante da tua respeitável crítica, uma fileira de felicíssimos poetas, que nem sequer sofreram neste mundo os descontos do talento.

— Não te permito outro discurso! — interrompeu o fidalgo beirão — salvo, se ele for a demonstração da felicidade de Chatterton.

— Demonstro! — acudiu o poeta. — Chatterton amou Kitty Bell... e Kitty Bell...

— Matou-lhe algumas vezes a fome com uns massapães empalmados dos lotes, a ocultas do marido...

— E quem te disse a ti que o talento, e os massapães, e o amor não completavam a felicidade de Chatterton?

Amaral folheou de novo o *Stello,* e leu em voz alta:

J'en vois, hélas! d'aussi malhereux qui prennent de diverses sortes leur destinée amère. Il y en a en qui le chagrin devient bouffonnerie et grosse gaieté; ce sont les plus tristes à mes yeux.

E, pondo os olhos melancòlicamente no escritor, disse:

— Tu és um destes, meu pobre poeta! Nunca me doem tanto as tuas dores, nobremente escondidas, como quando te vejo rir... Deixa cair a máscara diante de mim, meu amigo! Por amor deste livro, que eu amo tanto, e a quem tenho pedido, tantas vezes, o bálsamo para as feridas do desengano, ouve-me com seriedade.

— Mas eu sei a vida de Chatterton e de André Chénier... — disse o escritor. — Sei que Stello, depois que ouviu as três histórias, rejeitou o apostolado das ideias novas, e recaiu no sopor de uma ditosa estupidez. Sei isso tudo, meu bom amigo; o que não sei é o que te aconselhou o segundo médico.

— Aí vou — disse Amaral.

II

Guilherme, folheando *O Livro das Comunas,* disse:

— Naquele dia de Waterloo, em que Napoleão se viu reduzido à mera condição de homem, um oficial de vinte e cinco anos, ferido e condecorado em Marengo e Austerlitz, sentou-se entre os cadáveres de alguns camaradas e amigos, e meditou alguns minutos na mentira das glórias humanas. Dali foi para casa de seu pai, ancião douto e pobre, que vivia ignorado e feliz no recanto de uma província. Félix Jourdan sondou o segredo da felicidade do velho, aquele ridentíssimo viço de alma através das rugas do rosto, e descobriu que seu pai era profundamente religioso. Espreitou-o nas lutas com a adversidade, e viu-o serenamente cruzar os braços, e ficar em pé, e risonho, entre as vagas revoltas da desgraça, que passaram e se desfizeram.

Era o esteio da religião, que amparava o sábio da filosofia do Evangelho.

Era o *beati qui lugent,* que abria nos lábios do velho o riso de paz íntima, quando em redor de si rebramiam as tormentas, sobre as quais a sua alma era como a barquinha de Jesus de Nazaré.

Reconheceu o moço que a religião era uma existência de tríplice força no coração do homem, e quis aferrar nessa âncora; mas a dúvida, senão a descrença, desvigorava-lhe o pulso. Como o raio da fé o não alumiasse, Félix determinou estudar as máximas questões da providência e da vida futura. Recebeu o minguado pecúlio, que podia sair dos poucos haveres de seu pai, e foi manusear as bibliotecas, visitar os museus, e examinar as instituições e crenças dos povos.

Sentou-se o peregrino nos bancos das universidades dos Países Baixos e da Suíça, estudando filosofia em Oxford e Edimburgo. Examinou as reputações de estrondosa virtude, e heroísmos de silenciosa caridade.

Não viu, porém, acção que tanto lhe movesse o ânimo, como a virtude humilde de seu pai, e aquela sua ditosa obscuridade.

Voltou, pois, à casa paterna, e apurou os ouvidos da alma às palavras do varão justo. Expandiu-se, e confessou-se a seu pai, desde as suas propensões infantis até às dolorosas repugnâncias que o arredavam da piedade religiosa.

Saiu a passeio com ele o velho. A natureza falava então de Deus com linguagem mais insinuante que a dos alumiados do cenáculo.

Félix pasceu então os olhos naqueles amenos prados e várzeas fertilíssimas. «Que alegre estava

o espírito do Criador, quando os fez rir em tanta variedade de flores! Que liberal, quando os coroou de tanta abundância de frutos! Entre todas as naturezas insensíveis, as flores parece que com mais expressos acenos estão forcejando por remedar a formosura do seu autor!» (1).

Quando estas impressões lhe davam no espírito rebates de não sei que saudades de uma outra fase, que vivemos alguns dias no dilúculo desta escura existência, então foi que o velho falou da misericórdia divina com tanta simpleza e ao mesmo tempo altura de pensamento, que, no ânimo do mancebo, lampejou o clarão da fé. Veria ele na face iluminada de seu pai uma autoridade irresistível?

Passados meses, o ancião, inclinada a fronte no seio do filho, expediu o espírito.

Félix, na sua inconsolável angústia, invocou a religião; fugiu daqueles sítios; foi pedir diversões ao céu de Itália; mas a sua saudade recrudescia-lha a indiferença do mundo, e a mudez do céu. Lembrou-se de um homem, que encontrara nas suas peregrinações estudiosas, único homem, que irmanara com seu pai na vida activa e silenciosa. Era este homem um frade franciscano, chamado Gérard, reitor da escola francesa de Hunebourg.

Contou-lhe Félix os seus estudos, as suas incertezas, e o desfalecimento em que sentia o

(1) P. Francisco de Sousa *(Oriente conquistado)*.

espírito, desde que a palavra ungida de seu venerando pai emudecera com o último respiro. Escutou-o o frade, e disse-lhe estas palavras de S. Bernardo: «Achareis nas florestas o que embalde buscais nos livros... Florestas e penedias vos ensinarão o que não podereis saber dos mais doutos homens.» *Cœli ennarrant gloriam Dei.*

Passados dias, falou assim o frade ao soldado de Napoleão:

— Meu amigo, as orações de vosso santo pai foram atendidas. Deus dá-vos a fé. Purificai-vos já para mais digno serdes dela. Abra-se em presença do Eterno a vossa alma. Esta imolação do amor-próprio instituiu-a o Salvador. A humildade é a iniciação da penitência, bem como o é da sabedoria o temor de Deus. Fazei um esforço: ajoelhe o vosso orgulho. Filho, falai! Que há ali para temer, se dizeis vossas fragilidades a homem que também as tem, e cuja vida, mais longa que a vossa, foi talvez mais culpada? Cobrai ânimo, que saber, consciência, e experiência, nada há em mim que tenha de assombrar-se. Ai! tamanhas são as dores sepultas em meu seio, e terribilíssimos os segredos que meu coração sabe; tantas chagas vi, e tantas enfermidades da alma descobri, que pude enfim amiserar-me das lástimas da nossa natureza!

Confessou-se o homem inconsolável, o desterrado dos prazeres da vida, e ergueu-se, compreendendo as palavras de S. Paulo: «O homem

animal não percebe o que é do espírito divino; por loucura o tem, e o não entende, porque é precisa luz natural para entendê-lo.» (1).

Um dia, disse o franciscano ao convertido a Deus:

— Cingi ao peito a coiraça de Eleazar, e à fronte o diadema do Arcanjo.

Félix Jourdan fez-se levita.

Estas, ou outras equivalentes, foram as palavras do monge, depois de uma curta apologia da religião de Jesus:

— Consagrai-vos a Deus que já não sois do mundo. Dizei ao soberano mestre: «Devora-me o zelo da vossa casa», e Deus vos dará por herança sobre a terra as maldições dos ímpios, e a salvação dos crentes. Além de que, amigo, à beira do tabernáculo há visões sublimes, inenarráveis júbilos, que as turbas desconhecem, e o mundo menospreza. Aí é que os dons maravilhosos se expandem exuberantemente. Gozos sublimes e magnificências imortais rebrilham ao entendimento. E, se, por momentos, durante o sacrifício, os nossos olhos carnais se abrissem, pode ser que víssemos, como Zacarias, ante o altar dos perfumes, o anjo do Senhor, em pé, à nossa dextra.

---

(1) Tradução mais rigorosa do cónego José Falcão: «O homem natural não aceita o que é do espírito de Deus, pois é loucura para ele, e ele não pode entendê-lo, por ser com critério espiritual que se julga». I Cor. 2, 14. *Bíblia Ilustrada*, editorial Universus. (M. J.)

E, ao dar-lhe o derradeiro *vale*, o ósculo do apostolado, e a insuflação santificada da abnegação e do martírio, exclamou:

«Arrancarás de teu coração o amor à mulher;

Arrancarás de teu coração o amor a ti mesmo;

Arrancarás de teu coração o amor à propriedade;

Arrancarás de teu coração o amor à família;

O orgulho da tua posição e da tua ciência repeli-lo-ás;

Se os não puderes vencer, combate-os durante o dia; e, nas trevas da noite, repulsarás os fantasmas embriagantes, que te assediarem e levarem de vencida na soledade...

Para ti família não há aí nenhuma. A tua família é a raça humana.

Os homens, réprobos da opinião pública, cancerados pela indigência, esmagados pela perseguição, pobres e inválidos, aí tens as potências, cujos favores te cumpre ambicionar. Hão-de recompensar-te com a calúnia: dirão que o teu ofício é esse, e para isso te pagam... Persevera. As línguas infamadoras abençoarão depois AQUELE, em cujo nome vieste... Vais reinar no meio dos teus inimigos: *dominare in medio inimicorum tuorum*. Vai, que te chama o Cristo. Não lhe digas como Samuel: «Falai, Senhor, que o vosso servo escuta.» O que ELE quer de ti, de

sobra o sabes. Responde-lhe com a frase submissa que Jesus falou a seu pai. «Eis-me aqui!» — *ecce venio!*»

— Fizeste insensìvelmente um sermão — disse o escritor recuando a cabeça para o respaldo da cadeira. — Agora, meu caro Guilherme, conta-me os contentamentos íntimos do teu padre.

Amaral, desgostoso da interrupção, respondeu:

— Os íntimos contentamentos não os dizia o penitente, nem o historiador, nem os sei eu dizer, nem os tu compreenderias. Sei que o padre era o anjo bom dos desgraçados; e os cegos de entendimento lutando com ele arca por arca, recuavam feridos na coxa como os atletas, que pugnavam com o anjo. Enxugou lágrimas: eis aqui as consolações. Consolou-se melhorando os maus, e santificando os bons. Honrou o presbitério, disseminou as escolas cristãs, recrutou numerosa milícia para o estandarte do cristianismo, e usou a incansável energia da sua alma apaixonada, benfazendo, amando os homens por amor de Deus, evaporando em perfumes de graça as lágrimas, que lhe caíam no seio. Aqui tens a receita do meu segundo médico, poeta. Alfredo de Vigny diz-me que o mundo não vale o apostolado do espírito, que lhe conhece as enfermidades, e tenta remediá-las. Este diz-me que doutrine a política do Evangelho, e que me vá, caminho do Calvário, e que fale de ao pé da Cruz para que a minha voz prevaleça à dos políticos e reformadores.

— E tu vais ao Calvário? — disse o jornalista.

— Vou, quando o raio de graça me alumiar, como a coluna de fogo que se movia na dianteira do povo de Deus.

— Pois eu, enquanto o raio de graça — retorquiu o poeta — não desce da esfera luminosa em que Deus se glorifica em suas criaturas, vou apresentar-te o meu médico, e tu ouvi-lo-ás complacente como ouvirias o frade franciscano. Escuta.

III

— Na tua livraria não há um Senancour? — disse o literato.

— Que é um Senancour?! — perguntou Amaral.

— *Les Rêveries* do autor de *Obermann.*

— Não conheço, e desadoro desde já a obra por causa do título. São divagações sonhadas nas margens do Reno? *Rêveries!...* figura-se-me alguma coisa ininteligível e subtil como a história do espírito humano, simbolizada nas vaporosas alucinações do Goethe!

— É o médico das minhas febres malignas e congestões espirituais. Peço licença para levantar, em nome dele, a minha humilde voz, no congresso do franciscano e do doutor negro. Ontem à tarde estava eu na *Praça de D. Pedro,* e vi passar três equipagens de três nobres. Não conheci os brasões, e importunei um amigo pedindo-lhe a significação heráldica das armas, que eu não tinha visto na sala de Sintra. O meu amigo contou-me três histórias, justamente três histórias como o doutor negro as contara a Stello. A primeira foi a de um fabricante de moeda falsa; a segunda dizia respeito a um negreiro; a terceira era a crónica de um assassino, que sepultara nos subterrâneos do seu palácio, que fora convento, a ossada de um hóspede, e o segredo de dois milhões de cruzados. Eram as lendas dos três brasões. Recolhi-me, como o simpático herói de A. de Vigny, e meditei, como meditam todos os filósofos que não têm carruagem, sobre a história da carruagem dos negreiros, dos moedeiros falsos, e dos assassinos. Quando me remi do letargo, tinha o cérebro em brasa viva, e as artérias arfavam no pulso, como se girasse nelas uma onça de ácido hidrociânico. Ergui-me, sem alento, para ganhar o meu quarto. Quis tomar uma carruagem; lembrou-me, porém, que no meu *porte-monnaie* escassamente tinha a subsistência de quinze dias; e também me lembrou que o meu editor, na véspera, me fizera uma pavorosa descrição da apatia intelectual em que dormia o espírito público, depois do meu último livro. Fui para casa a pé, e atirei-me sobre aquele velho sofá, onde tu dizes que eu posso imaginar-me um Herculanum conversando com os poetas cesários. Senti debaixo de mim um corpo molesto, afastei-o com a mão, e topei o livro de Senancour, em cuja primeira página eu escrevi, há dez anos, estas palavras: «O livro que mais estimei.» Porque estimei eu tanto este livro? — perguntei eu mesmo às minhas reminiscências. Abri-o, à fortuna, e achei o título de um capí-

tulo: *Meios contrários*. Este rótulo era pouco convidativo para estímulo dissolvente de uma péssima situação; li, porém, o capítulo como quem busca divertir a alma de um pensamento opressivo, cansando-a e entorpecendo-a no esforço da compreensão.

— E o livro era azado para isso... — disse Amaral. — Está explicada a inscrição que puseste na primeira página, se adormeceste.

— Não adormeci: li segunda vez, e levantei-me bom. Então compreendi a minha afeição ao livro. Aquele é que é um médico, aquele sim, Guilherme!

— Então que leste?

— Pouco mais ou menos, isto... Mas terás tu paciência por duas horas? Olha que eu vou fazer um discurso.

— Diz lá; mas, se eu fechar os olhos, respeita o êxtasis, e não me acordes. Adormece-me, em nome de Senancour, que eu aceito o médico, e dou-lhe o partido da casa. Estou pendente dos teus lábios, poeta!

E o escritor, com insólita seriedade, falou assim:

— Em substância diz o médico o seguinte: — Os caracteres fracos precisam de prazeres; os ânimos circunspectos o de que precisam é de segurança. No reboliço desta universal tormenta há um só prazer: é a situação mais tranquila; são os gozos mais moderados, e que mais fàcilmente se conseguem e reproduzem; é a concordância da paz interior com a actividade desapaixonada, da austeridade no prazer com a doçura na paciência... Não dormes ainda?

— É cedo: continua. O estilo do cabeçalho não é de todo soporífero. O teu Senancour não vem incluído nos ingredientes, que rodeiam o divino Morfeu, prescritos por Demoustier:

> Le dispensateur du repos
> Dort entouré de somnifères,
> De gazettes et de pavots,
> D'opium et de commentaires,
> De nénufars et de journaux.

— Não te fica mal — disse o literato — concederes as duas horas de seriedade. Vêm impertinentes ao meu discurso as citações grotescas. Quer-se fina têmpera de alma para entender a esfinge. Recolhe-te, e escuta.

— Estou recolhido, e não valia a pena gastar duas frases túmidas em tão pouco... *Tanti non erat esse te disertum*. Diz.

O escritor continuou:

— Os prazeres ardentes são momentâneos, e custam graves inconvenientes. O que devemos cobiçar é viver sem sofrer muito. Àquele que sofre foge-lhe uma parte da existência. O mal é nocivo à plenitude da vida porque é sempre causa de aniquilamento. Quando o sofrimento nos ameaça, e receamos que as forças defensivas nos faleçam, suspendem-se os outros movimentos do nosso coração, e então pouco há que espe-

rar de nós, porque se torna incerto o nosso destino. O bem-estar de grande número de indivíduos, que vivem retirados das agitações, depende mais da sua disposição habitual de pensamento que da influência de causas exteriores. A crise moral pode surpreendê-los e magoá-los momentâneamente; mas a força dos acontecimentos é meramente relativa. Os sofrimentos são mais ou menos intensos, conforme a época em que nos oprimem. O que ontem poderia aniquilar-me, levemente me incomoda hoje. Cinco minutos de reflexão me bastam. A maior parte dos objectos encerram e presentam, indirectamente pelo menos, as propriedades oportunas. Pô-las em acção é no que assenta a indústria da felicidade. Há aí que farte instrumentos fecundos de prazeres úteis; ponto é saber meneá-los. Quem não sabe trabalhar com eles, fere-se. Discernir, isto é, reflectir é o que mais importa...

— Ó Demoustier, Demoustier! — exclamou Amaral em atitude melodramática — se tivesses nascido depois de Senancour, e deste poeta, seu nefando intérprete, não esquecerias estes dignos ornamentos da câmara de Morfeu! O teu médico é óptimo, ó literato! As minhas pálpebras descaem como o véu da noite da fronte casta da meiga lua!

— Pois dorme, alma bastarda, e mais a tua absurda imagem da lua, que eu continuarei fiel ao amigo a quem devo a saúde do espírito.

— Mas duas horas, meu Deus! duas horas! E não haverá quem me livre deste cálix?!

— Escuta enquanto puderes — tornou o discípulo de Senancour — e prosseguiu:

— As impressões, àvidamente recebidas, preparam-nos, muitas vezes, anos de tristeza; e algumas vezes bem pode ser que as comoções penosas sejam causa de um bem-estar, aumentado pelas recordações da dor que passou. O hábito de coordenar os efeitos de um certo número de impulsos, e de tirar de uma causa remota diferentes comoções, faz que os males presentes sejam menos intensos, salvo se desgraçadamente nos subjugam. A temer em excesso os males supervenientes vivemos fora do momento actual. Porque não sabemos fazer bom uso das nossas horas não as gozamos nunca.

— Isso é assim — atalhou Amaral. — Sinto agora isso em toda a extensão da sua literal e atroz realidade.

— Parece já coisa impossível retroceder à simplicidade dos tempos antigos — continuou o poeta — mas não é impossível o descobrir meios para nos aproximarmos da realidade deles: pode mesmo ser que os encontremos nos nossos desatinos. Vertiginosamente arrebatados no círculo da inconstância humana, devemos achar no ponto perigoso, onde queremos chegar, uma saída convizinha do ponto donde partimos.

— Isso agora é tenebroso como uma página de Kant!

— Vais ver a luz, homem sem raio de fé filosófica! Isto não são anedotas de Alfredo de Vigny, nem homilias de frade franciscano. Aqui, requer-se contenção de espírito. Atende, meu amigo, que eu ato o fio. Na ordem primária do mundo, o homem era susceptível de impressões menos variadas. Na ordem actual, é-nos dado adoptar o meio de receber quase ùnicamente as impressões fortes, ou escolher aquelas que mais conformes às nossas verdadeiras necessidades nos parecerem. Este segundo meio importa o mesmo que ser sábio. O primeiro — o das impressões fortes — está no ópio, no ponche, no absinto, nos excitantes que precipitam e facilitam e perturbam as fatigantes operações de nosso ambicioso espírito. A impetuosidade do primeiro acesso de embriaguez pode instantâneamente levar-nos ao estado primitivo: a memória e a previdência desaparecem, as sensações imediatas fortificam-se, os sonhos da felicidade devem dourar-nos a imaginação escandecida. Melhor, será, porém empregar os esforços moderados, que trazem o monótono contentamento de cada dia, e são esses os que formam a sublime arte de viver, segundo a razão.

— Já adivinhei a final receita de teu médico — interrompeu Guilheme. — Manda-me ser sábio. Ora, a estrada da ciência é porventura clara de modo que o homem possa ver sempre diante de si o anjo do seu destino a guiar-lhe os passos?

— Há pontos escuros na estrada da ciência: o que lá não há são os grandes clarões, que ambicionam os espíritos desregrados. A luz da ciência é uma luz, que não ofusca: mostra-nos sempre a trilha onde firmamos o pé, caminheiros tranquilos e desassombrados. Dois são os flagelos dos espíritos não vulgares: os poucos obstáculos à sua muitíssima actividade — é o espírito que neste caso nos aniquila. O outro é a demasia da compressão, que nos força o espírito a uma dolorosa apatia. A tua enfermidade, Guilherme, é o excesso de actividade de espírito contra obstáculos insignificantes. Se queres prolongar a mocidade da alma, faz que as paixões se calem à voz da razão.

— A *razão!* A razão que faz? — atalhou, sorrindo, o enfastiado fidalgo.

— A razão combina as ideias, diz o médico. A justeza, a imparcialidade, a verdadeira filosofia poupam-nos a muitos erros. A inquietação, que sucede ao cansaço, o anseio vago, que a mais ligeira sedução instiga, a inútil turvação em que nos lança a volubilidade do pensamento, tudo isto a razão afere no seu verdadeiro tamanho. A razão cala as nossas sensações, e guia-nos ao ponto que mais seguro se oferece à débil inteligência do homem. Não nos encantam os bens quiméricos é verdade; mas gozamos melhor o nosso quinhão de mundo real. O que há mais sublime na elevação a que o homem social aspira é o repouso dos sábios, o supremo bem da dignidade humana. Nesta situação é a equidade que

nos sustenta; é a obediência às legítimas regras que nos cauciona o respeito dos outros. E assim nos urge a submissão às dificuldades inevitáveis, e o aceitar as contrariedades motivadas pelo interesse geral.

— Basta! — interrompeu Guilherme do Amaral, sacudindo da testa o narcotismo das substanciosas máximas. — O doutor negro de A. de Vigny falou-me à imaginação, e refrigerou-ma. O frade de Roselly de Lorgues falou-me ao coração, e banhou-me da luz da fé os escuros para onde eu tinha varrido o lixo da filosofia. Senancour veio falar-me à razão, que o frade anula, e o romancista escarnece como vil escravo de paixões e caprichos. O teu médico está infeliz. Eu antes quero o *Kempis*, e o *Retiro Espiritual*, e sobre todos e tudo aquele médico de Molière, que dizia:

Altro non é la pazzia
Che malinconia
Il malato
Non é disperato
Se vol pigliar un poco d'allegria
Altro non é la pazzia
Che malinconia.

E eu sou um ingrato sem entranhas nem senso comum — prosseguiu Amaral. — Tenho ali uma botica completa da alma. Milhares de vezes me tenho erguido do leito da morte, por favor dela com a mocidade nos olhos, e no coração, e a electricidade dos dezoito anos a sacudir-me os nervos. Que estúpida ingratidão! Deixei a medicina provada, e estive em risco de morrer de uma intumescência de filosofia, ministrada pela tua boca fatídica. Vais assistir à minha cura, poeta!

Tirou Amaral de um armário algumas garrafas de cristal repletas de um vinho da limpidez e cor do topázio, e disse:

— Viva a ciência! De cada uma destas garrafas sai, como da cabeça de Júpiter, uma Minerva vestida e calçada. Daqui a uma hora verás que este vilão e abjecto corpo não pode com a alma irradiante entre as suas visões maravilhosas.

E, de feito, uma hora depois, o corpo de Guilherme do Amaral não podia com a alma, e resvalava para debaixo da banca.

O escritor ficou encostado à mesa, contemplando as garrafas, e murmurando:

— Terá ele razão?

In *Cenas inocentes da comédia humana*, de Camilo Castelo Branco